

## Homofobia e heteronormatividade masculina no futebol: comentários na página d'O Popular no Facebook sobre time homossexual<sup>1</sup>

Luiz Fernando Rodrigues LEMES<sup>2</sup>  
Ana Carolina Rocha Pessôa TEMER<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### RESUMO

Este artigo pretende compreender como o discurso homofóbico pode se manifestar em redes sociais (neste caso, o *Facebook*) em relação ao tema da homossexualidade masculina no futebol em Goiás. Para isso, foi selecionada a divulgação da notícia relacionada a um time amador *gay* abordado pelo jornal O Popular em março de 2018 na página oficial do veículo de comunicação. Os 243 comentários foram analisados com objetivo de evidenciar os comentários preconceituosos e demonstrar como se manifestam em um contexto marcado pela heteronormatividade masculina. Do total de postagens na publicação do jornal, 75,3% continham aspectos negativos em relação aos personagens da notícia (ofensas e injúrias) e ao veículo de comunicação (questionamento sobre os critérios de noticiabilidade utilizados pelo jornal).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Facebook*; futebol; heteronormatividade; homofobia.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas edições da Copa do Mundo aflorou o debate sobre os cantos e expressões homofóbicas de torcedores nas arenas esportivas. Na edição de 2018, a Seleção Mexicana de Futebol foi punida logo na primeira rodada em decorrência dos gritos de “*puto*” (“*bicha*”, em português) direcionados ao goleiro adversário na cobrança de tiro de meta<sup>4</sup>. Essa situação também foi recorrente na Copa do Mundo de 2014, quando torcidas de outras seleções, principalmente latino-americanas, passaram a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação, linha Mídia e Cidadania, da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: luizfernando.bvg@gmail.com

<sup>3</sup> Ana Carolina Rocha Pessôa Temer é Professora Efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás - UFG. Pós-Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Bacharel em jornalismo pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia da UFG. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com.

<sup>4</sup> México leva multa por gritos homofóbicos de torcedores contra a Alemanha. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mexico-leva-multa-por-gritos-homofobicos-de-torcedores-contr-a-alemanha,70002358385>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

---

reproduzir as mesmas manifestações. Até novembro de 2016, a Seleção Brasileira de Futebol, por exemplo, foi punida em R\$ 150 mil pela Federação Internacional de Futebol e Associados (FIFA) pelos cantos homofóbicos dos torcedores.

Diante desse cenário, iniciou-se uma série de pesquisas que têm como objetivo compreender o papel e a função do jornalismo esportivo no debate sobre a homossexualidade no futebol<sup>5</sup>. Em entrevistas que buscavam compreender os motivos pelos quais o tema é pouco discutido na mídia esportiva goiana, surgiram respostas sobre o receio por parte dos jornalistas de a audiência não aceitar a divulgação de notícias que abordassem o assunto na modalidade esportiva, apontando como principais motivos a possibilidade de ofensas contra os personagens envolvidos nas matérias e a fuga do público para outros meios de comunicação (concorrência).

Com base nesse contexto, este artigo busca compreender como se manifestaram os internautas que reagiram à publicação do jornal O Popular, de Goiânia, relacionada a um grupo de atletas amadores homossexuais que decidiram formar um time de futebol. Dessa maneira, pretende-se identificar as características que apontam para comportamentos ofensivos à comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais e Transgêneros) e que criticam o veículo por abordar a temática em Goiás.

A reportagem intitulada “Chute no preconceito: primeiro time gay de Goiânia busca combate à homofobia” foi selecionada como objeto nesta pesquisa por ter sido o primeiro material envolvendo a temática da homossexualidade masculina em dois anos de pesquisa sobre o assunto no futebol em Goiás (2017 e 2018). Ao todo foram analisados 243 comentários que foram posteriormente classificadas em relação ao teor positivo (aprovação em relação à abordagem da matéria e o incentivo dado aos atletas pela iniciativa) e negativo (com conteúdos ofensivos aos personagens da notícia e críticas aos critérios de noticiabilidade do jornal) em relação ao conteúdo.

### **Poder e heteronormatividade masculina**

Os homossexuais foram condenados a diferentes tipos de morte durante a história: “apedrejados, segundo a Lei Judaica; decapitados, por ordem de Constantino [...], enforcados, afogados ou queimados nas fogueiras da Inquisição [...]; queimados

---

<sup>5</sup> As pesquisas se relacionam ao projeto de dissertação do autor em relação à homossexualidade masculina no futebol e o papel do jornalismo esportivo no debate sobre o tema, iniciado em 2017.

pelos nazistas nos campos de concentração” (MOTT, 2003, p. 36). Acusados de praticarem crime hediondo e portarem doenças, os homossexuais sofreram/sofrem perseguições que até hoje resultam em mortes. Apesar das lutas e conquistas das minorias durante os séculos XX e XXI, as violências física e simbólica ainda são presentes na sociedade brasileira, explícitas na desigualdade no mercado de trabalho, no acesso à educação e saúde, e na falta de liberdade de expressão (RIOS, 2001).

Diante desse cenário de perseguições históricas, a homofobia se transformou em uma das principais expressões de ódio e desrespeito ao próximo, significando a redução da humanidade dos LGBTs e, conseqüentemente, a rejeição de igualdade aos membros desse grupo. Borillo (2010) define a homofobia como ato hostil e manifestação arbitrária que tem como objetivo determinar o outro como inferior e rejeitando-o. Ela pode se manifestar por meio da ridicularização e injúrias dos indivíduos efeminados, mas também se expressar de maneira mais violenta e brutal, como o assassinato. “A homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, entre outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual” (BORILLO, 2010, p. 17).

A definição dos papéis sexuais são definidos dentro de uma cultura e temporalidade. Fry e McRae (1985, p. 11) defendem que os gêneros não devem ser definidos por meio da diferenciação biológica, mas também são determinadas por meio de uma construção social.

Cria-se, então, uma série de expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição social. Estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais.

No Brasil, essa divisão de gêneros é baseada no binarismo homem e mulher, onde o primeiro é considerado o agente “ativo” na relação sexual, enquanto a última é caracterizada como “passiva” por ser penetrada. Essa mesma concepção é transferida para relações homoeróticas, sendo o “homem verdadeiro” aquele que penetra e assume a posição ativa. Já a passividade sexual resulta na atribuição de inferioridade social atribuída às mulheres (GREEN, 2000).

As divisões das atividades cotidianas também são baseadas na oposição binária entre o masculino e o feminino, sendo que a força masculina se evidencia de maneira naturalizada como fenômeno que dispensa justificativas. Nessas condições, “a pior

---

humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher” (BOURDIEU, 2012, p. 32). Constrói-se também a naturalidade do casal heterossexual que contribui para a construção do estereótipo da figura masculina como viril e detentora de poder na relação (SILVEIRA FILHO, 2010). Aos homossexuais é atribuído um lugar inferiorizado em que as constantes injúrias atribuem aos indivíduos uma posição de assujeitamento de acordo com as hierarquias e regras estabelecidas socialmente (ERIBON, 2008). Diante dessa situação, resta ao grupo estigmatizado revoltar-se contra os padrões impostos ou submeter-se na tentativa de se dissociar do grupo minoritário. No caso do futebol, dificilmente surgem opções, restando o anonimato como alternativa.

### **Homofobia no futebol**

Em um cenário marcado pela heteronormatividade, as características e atitudes consideradas femininas serão positivas apenas se forem identificadas em mulheres, sendo negativo e desqualificante se forem atribuídas aos homens. Todos os comportamentos que não seguirem a lógica binária homem/mulher são considerados desvios e perversões (TORRÃO FILHO, 2005).

Almeida e Soares (2012) apontam que o comportamento desviante da lógica heteronormativa no futebol é visto como algo distante do “natural”, comprometendo a harmonia e o equilíbrio social do pensamento dominante. Portanto, a homofobia ligada ao futebol está ligada a um conjunto de normas e hierarquias que determinam o que as pessoas podem ser e aquilo que devem evitar, formando pessoas hostis ao que é diferente e fora do padrão (transgressões do papel social) que deveriam ser biologicamente determinados.

A noção de virilidade está associada a uma construção social influenciada por elementos do cotidiano (como classe, gênero, cultura etc.), atuando como instrumento para a manutenção do poder de acesso controlado pelo homem, já que a modalidade esportiva “não poderia ser praticada por aqueles que não possuam este sentido de virilidade típico do jogo. Ficando negado à prática, apenas podem jogar aqueles jogos que não tenham contato ou não necessitam deste atributo do ‘macho’” (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 305).

Os conceitos de masculinidade e virilidade são importantes para essa contextualização no futebol. Bandeira e Seffner (2013) destacam a existência de uma variedade de masculinidades em uma mesma cultura que variam conforme o tempo e o

---

espaço. Englobando diversas definições do que é ser homem, certas práticas e discursos são usados para legitimar determinada masculinidade hegemônica em diferentes tempos e instituições sociais, como o futebol. Archetti (2003) afirma que a existência de uma masculinidade hegemônica determina a forma “exitosa de ser homem”, mas no mesmo espaço podem coexistir diferentes masculinidades hegemônicas e subordinadas, possibilitando a hierarquização e disputas de poder entre os grupos. “As masculinidades, quando associadas às práticas sociais como a guerra ou o jogo, são construídas através de significados como a coragem, a força, a dominação e o controle das emoções” (PACHECO, 2014, p. 7).

A masculinidade é construída em dois campos específicos de relação de poder: a primeira voltada na desigualdade entre o homem e a mulher; a outra relacionada às relações entre homens com outros homens envolvendo a sexualidade. Nesta situação, a masculinidade hegemônica tem outras agrupadas ao seu redor, sendo a masculinidade homossexual posicionada como inferior e submissa ao “homem verdadeiro” (KIMMEL, 1998).

Portanto, a virilidade está diretamente relacionada à caracterização do “homem verdadeiro”, dotado de força física, poder e vigor (WITZEL, 2013) e se relaciona à tradição de sociedades e culturas responsáveis pela formação de heróis e guerreiros, reconhecida dentro de um grupo de homens em contraste direto com a feminilidade (REINA, 2017).

Ao homem não basta afirmar a sua heterossexualidade, mas deve comprová-la e deixa-la visível em aspectos de tensão que envolve monitoramento constante das próprias ações (BOURDIEU, 2012, p. 65).

A virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de "verdadeiros homens". Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris.

Portanto, os homens são submetidos a um paradoxo em que envolvem a coragem do universo masculino heteronormativo, mas também o medo de perder a condição de virilidade exigida e reconhecida pelo universo masculino, incluindo o futebol. “A virilidade [...] é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros

---

homens, para os outros homens e contra a feminilidade por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2012, p. 67).

Welzer-Lang (2001) defende que a visão naturalista da superioridade masculina determina a forma como os homens devem se comportar para serem aceitos como “homens normais”. Por outro lado, aqueles que desviam desse padrão por meio da aparência (não necessariamente homossexuais) ou pela atração por outros homens são excluídos e colocados no grupo dos “dominados”, onde se incluem as mulheres e qualquer indivíduo que não se enquadre no padrão masculino heteronormativo.

O espaço do futebol, principalmente o das torcidas organizadas, funciona como a “casa dos homens” – um ambiente de homens e para homens que constrói a masculinidade para os que estão “entrando” e, ao mesmo tempo, reforça a masculinidade entre os membros “veteranos”. Esse espaço viril exclui todos aqueles que insurgem contra a “virilidade triunfante” e a feminilidade em geral, configurando-se como um codificador de condutas masculinas. (COELHO, 2009, p. 87)

A aversão à homossexualidade é resultado de construção sócio-histórica e cultural que se origina no desdobramento de uma sociedade baseada na heteronormatividade como processo natural e regra para relações afetivas e sexuais. Os comportamentos que não seguem essa lógica são ridicularizados, perseguidos e vistos como padrões desviantes (FOUCAULT, 1988). No futebol, alguns comportamentos violentos são tolerados em diversas circunstâncias e, muitas vezes, desejados como representação de masculinidade. Cantos e ofensas homofóbicas são frequentes em estádios e, usados com tanta frequência, são naturalizados e dificilmente caracterizadas como “violentas”. Em um espaço de socialização masculina e hegemônica como as arquibancadas, a aversão aos homossexuais passa a ser positiva e valorizada (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

### **O papel do jornalismo esportivo**

Diante do cenário envolvendo a homossexualidade masculina no futebol, o leitor pode se questionar: mas qual é o papel do jornalismo esportivo nessa questão? Em um contexto sócio-histórico e cultural marcada pela construção da heteronormatividade e de rejeição dos padrões “desviantes”, os meios de comunicação se apresentam como importante espaço para discussão sobre a acessibilidade dos homossexuais à prática e ao espetáculo esportivo. Porém, também pode se colocar como espaço inacessível a esse

---

grupo, podendo gerar silenciamentos e até mesmo preconceitos e estereótipos negativos disseminados no contexto em que está inserido.

Entre as principais responsabilidades sociais dos meios de comunicação está a possibilidade de estar a serviço da cidadania, permitindo a manifestação (voz) dos cidadãos para a reivindicação de direitos. Essa ideia ganhou ainda mais força após o fim do regime militar (1964-1985), quando a informação e o seu acesso pelos cidadãos passaram a ser fundamentais para o exercício da cidadania e dos direitos. Portanto, o jornalismo desempenha simultaneamente dois papéis fundamentais nesse processo: fornecimento de informações e espaço para os cidadãos levarem suas demandas aos responsáveis pelas decisões (ABREU, 2003).

Mesmo com esse compromisso social do campo jornalístico, os meios de comunicação podem provocar a falta de confiança do grupo LGBT em consequência de silenciamentos e omissões sobre casos de violência contra as minorias. Pode ocorrer de o jornalismo se desvirtuar do papel social ao negligenciar o dever de dar voz à diversidade de grupos. “Quando a imprensa se recusa à pluralidade de fontes, acaba por desrespeitar os direitos humanos, infringindo mais especificamente o princípio ético de sempre ouvir o outro lado de um assunto polêmico” (MEDEIROS, 2016, p. 223). Portanto, o jornalismo, inclusive o esportivo, pode realizar coberturas tendenciosas ao ouvir sempre as mesmas fontes e silenciando outros pontos de vista.

Um dos principais deveres do jornalismo é o de dar lugar à pluralidade das vozes sociais, expressando a multiplicidade de formas culturais e incluindo os que parecem viver à margem da sociedade. O campo jornalístico, enquanto lugar de fala legitimado sobre a realidade contribui para a definição de papéis e da afirmação de valores e sentidos na sociedade. (DARDE, 2008)

No caso específico do jornalismo esportivo, Bueno (2005) aponta que os profissionais podem cometer equívocos que são comuns, mas que deveriam ser evitados. Eles se referem à prioridade dada à cobertura do futebol em detrimento das demais modalidades esportivas; a desvalorização de times de pequena e média expressão no cenário nacional; o receio de os jornalistas admitirem por qual time torce; e a imprecisão de dados jornalísticos no trabalho de apuração de dados. Apesar da importância desses pontos, o mais relevante para este trabalho é o equívoco cometido pelos jornalistas esportivos em buscarem informações e notícias apenas dentro do campo de jogo, ou seja, dentro dos limites onde as partidas são decididas. Portanto,



fenômenos que ocorrem ao redor dos jornalistas não são valorizados a não ser em casos que rendam boas imagens (principalmente para a televisão) e que destacam a violência física nas arquibancadas ou nos arredores dos estádios.

Apesar da contribuição dos meios de comunicação em proporcionar o aumento do debate sobre a homossexualidade, a discriminação e o preconceito no futebol nos últimos anos, o simples estímulo à tolerância e ao respeito ainda é insuficiente para garantir a igualdade de direitos desfrutados pelos heterossexuais. O aprofundamento do debate por parte dos veículos jornalísticos para a compreensão em relação às perseguições enfrentadas pelas minorias, principalmente no futebol, configura-se como instrumento para o combate à naturalização dos preconceitos disseminados nos estádios.

### **Caminho da pesquisa**

Em 12 de março de 2018 o jornal O Popular publicou em sua versão impressa a reportagem “Chute no Preconceito”, que noticiava o primeiro time de atletas amadores homossexuais em Goiás, o Barbies Futebol Clube. A intenção da reportagem foi mostrar os objetivos da equipe em promover a inclusão e o combate à homofobia no esporte. O material de autoria do jornalista Alexandre Ferrari também foi publicado no portal d’O Popular com algumas adaptações para a versão *online* e com o título “Chute no preconceito: primeiro time gay de Goiânia busca combate à homofobia”, conteúdo que também foi divulgado nas redes sociais do veículo de comunicação.

Em praticamente dois anos de pesquisa (2017 e 2018) envolvendo levantamentos sobre reportagens e notícias envolvendo a homossexualidade no futebol em veículos esportivos goianos, a matéria d’O Popular foi a primeira a divulgar a história e os objetivos do Barbies FC. Após a publicação em março de 2018, outros veículos de comunicação também fizeram reportagens sobre o time.

Para a análise neste artigo, foi selecionada a repercussão por meio de comentários na página de *Facebook* do jornal O Popular, por ser o pioneiro na divulgação da notícia e pela possibilidade oferecida pela ferramenta em analisar a repercussão da reportagem. De acordo com o *Ranking* da ANJ (Associação Nacional de Jornais) de 2015, o jornal é o segundo diário mais lido em Goiás com uma média de circulação de 17.685 impressos, atrás apenas do jornal *Daqui*, do mesmo grupo (Grupo



---

Jaime Câmara), que possui uma média de circulação de 153.049 impressos<sup>6</sup>. Já a página do meio de comunicação no *Facebook* possui mais 310 mil seguidores<sup>7</sup>.

O primeiro passo da pesquisa foi identificar o sexo (feminino ou masculino) dos usuários da rede social que comentaram a publicação e, posteriormente, analisar se o conteúdo continha mensagens positivas (em relação à abordagem do veículo e à iniciativa dos atletas amadores) ou negativas (relacionadas aos critérios de noticiabilidade usados pelo jornal ou ofensas direcionadas aos personagens da notícia). Após essa etapa, foram destacadas as sentenças mais agressivas direcionadas aos homossexuais dos 243 comentários feitos na publicação. A utilização dessas ferramentas tem como objetivo compreender como o discurso homofóbico se manifestou nas redes sociais, mesmo quando o debate sobre a homofobia e o preconceito contra os homossexuais no futebol são propostas pelos meios de comunicação, neste caso representado pelo jornal O Popular.

### **Intolerância nos comentários**

Dos 243 comentários considerados para esta pesquisa, 223 eram do sexo masculino, o que corresponde a aproximadamente 92% das reações na publicação. Desse total, apenas 23 comentários apontavam para recados positivos em relação à iniciativa do jornal em publicar reportagens que debatessem a homofobia no futebol e a iniciativa dos atletas amadores em formar uma equipe de homossexuais masculinos.

Ao todo, apenas 26 comentários, incluindo homens e mulheres, destacavam aspectos positivos em relação à escolha do tema e da luta pelo reconhecimento dos homossexuais no futebol. Em relação aos 20 comentários de mulheres, apenas dois demonstravam situações positivas em relação ao debate. Porém, a maioria (10 publicações) não demonstrava nenhum tipo de valor, já que seu conteúdo se referia à marcação de outros amigos na postagem do jornal ou de usos de caracteres e *emojis* que não permitiram a análise. Levando em consideração os números absolutos, além dos 26 comentários positivos em relação à abordagem do tema, 183 reações foram negativas ao se referir ao jornal ou aos personagens da reportagem. Por sua vez, não foi possível analisar os valores de outros 34 comentários.

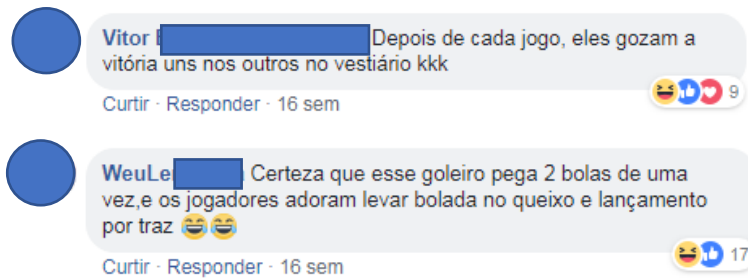
---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/opopular/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

A maioria desses comentários demonstra ofensas direcionadas aos atletas amadores e ao jornal. Alguns com caráter mais explícito apontam a homossexualidade como fator negativo no futebol ao associar a passividade sexual às ações praticadas no campo de jogo com o intuito de depreciar os praticantes que não são heterossexuais.

**Figura 1** – Comentários ofensivos sobre atletas homossexuais

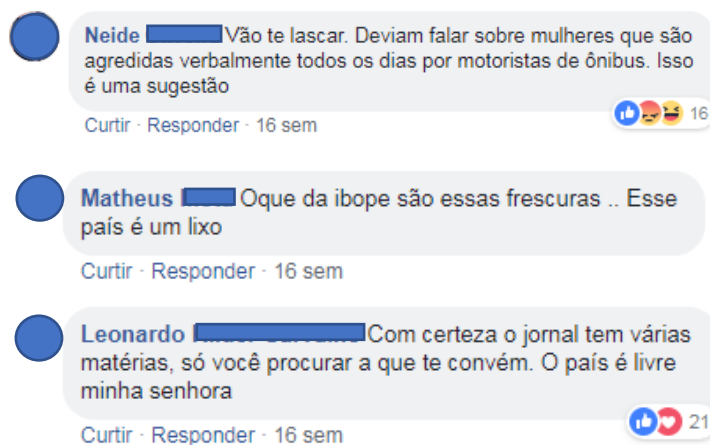


Fonte: Facebook (2018)

É importante ressaltar que a quantidade de pessoas que reagiram com aprovação aos comentários superou as desaprovações. Em relação ao primeiro, apenas uma reação “angry” (que significa “nervoso”) foi feita, enquanto que os demais (como amei e curti) somaram oito reações. Já o segundo não teve reações negativas sobre o comentário.

As críticas em relação aos critérios de noticiabilidade utilizados pelo jornal também foram abordadas em oito comentários. Desse total, cinco criticaram os valores-notícia de O Popular na seleção do tema, indicando a homossexualidade no futebol como assunto que não mereça destaque nos jornais por não ser irrelevante.

**Figura 2** – Comentários sobre os critérios de noticiabilidade



Fonte: Facebook (2018)

Salienta-se que alguns comentários também defenderam a postura do meio de comunicação ao destacar a variedade de matérias que não abordam a homossexualidade, o que indica que a variedade de temas abordados diariamente e a possibilidade de promover diferentes tipos de debates sem prejudicar ou “silenciar” outros.

Outra parte significativa de ofensas se refere aos torcedores e times profissionais. Neste caso, o foco das discussões se desvia para ofensas envolvendo os adeptos dos clubes profissionais dos estados de Goiás e São Paulo. Os usuários usaram também elementos visuais para dar mais destaque aos comentários, como *GIFs*, imagens e vídeos que ridicularizam os adversários.

**Figura 3** – Comentários sobre os times e adeptos de futebol profissional



Fonte: Facebook (2018)

Como o futebol é caracterizado como espaço heteronormativo masculino, os padrões que não coadunam com essa ordem não são aceitos. Portanto, referir ao adversário como homossexual passa a ser ofensivo e ser considerado um torcedor efeminado torna-se depreciativo no esporte de alto rendimento.

Nesse contexto, outros discursos, como o religioso e o político, também são usados para “legitimar” o conteúdo homofóbico. Um usuário do *Facebook* chega a invocar Deus pela volta do “futebol raiz”, marcado pela masculinidade e virilidade. Ao ser interpelado pelo comentário, responde afirmando a heterossexualidade e com a *hashtag* #Bolsonaro2018 em referência ao pré-candidato à presidência da República Jair Bolsonaro (PSL), conhecido por frases polêmicas em relação aos homossexuais<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Comissão vai debater declaração de Bolsonaro sobre punição a filho gay. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/151706-COMISSAO-VAI-DEBATER-DECLARACAO-DE-BOLSONARO-SOBRE-PUNICAO-A-FILHO-GAY.html>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

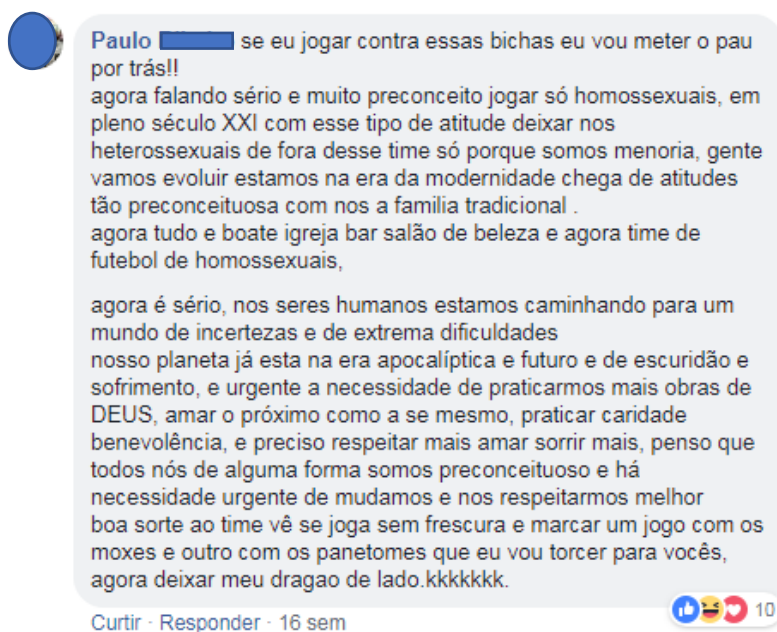
**Figura 4 – Comentários envolvendo política e religião**



Fonte: Facebook (2018)

Algumas postagens apresentavam aspectos positivos sobre aqueles que comentavam com o objetivo de não serem considerados homofóbicos, usando trechos que indicassem a aceitação da homossexualidade no futebol. Porém, na sequência da frase (ou até mesmo antes), o conteúdo destacava situações negativas sobre as minorias.

**Figura 5 – Comentários de “negação aparente”**



Fonte: Facebook (2018)

No exemplo acima, o comentarista chega a propor o respeito e o amor ao próximo por meio de citação de Deus (religião). Porém, na sequência do comentário, volta a falar que todos possuem preconceitos (não necessariamente contra homossexuais) e passa a utilizar estereótipos negativos para associar o gênero à fragilidade. O autor utiliza o dispositivo de “negação aparente” (DIJK, 2015) que tenta passar uma imagem positiva sobre si, mas que reúne um conjunto de elementos que tem a intenção de associar preconceitos aos homossexuais, como “frescura”.

No início do comentário ainda há a menção à passividade homossexual como depreciação no futebol e a postura ativa (“eu vou meter o pau por trás”) como característica do “homem verdadeiro” e viril. Nesse sentido, o relacionamento sexual em que o homem assume a posição ativa não é tomado como negativo, mas a passividade que se impõe ao outro é condição para inferiorização dos homossexuais.

### **Considerações finais**

Este trabalho é resultado de uma busca pelos motivos do silenciamento da mídia esportiva goiana em relação à homossexualidade no futebol. Com os primeiros movimentos em busca de respostas, uma das hipóteses que se apresentou durante a pesquisa com jornalistas foi de que o público que consome notícias esportivas poderia ter reações negativas em relação ao tema, resultando em ofensas direcionadas aos personagens da notícia (neste caso, os atletas amadores do Barbies FC) e ao veículo de comunicação, o que poderia acarretar em perda de audiência.

Em uma das poucas reportagens relacionadas ao tema, essa preocupação dos jornalistas se concretizou. Críticas aos critérios de noticiabilidade foram feitas ao jornal por pessoas que consideraram a abordagem desnecessária e irrelevante. Outros usuários publicaram ofensas explícitas aos personagens envolvidos na matéria. Grande parte também utilizou o material para fazer injúrias e difamações contra times e adeptos dos times da capital (Atlético, Goiás e Vila Nova) e usaram a matéria como pretexto para fazer escárnios e zombarias contra amigos.

Apesar da reação negativa, que correspondeu a 75,3% das publicações, o jornal deu o primeiro passo para que o assunto seja discutido na sociedade: colocar o tema em evidência. Também é importante considerar que as redes sociais não são um reflexo perfeito da sociedade, mas corresponde a um recorte em que opiniões que se mostram

mais evidentes tornam-se fortes, mas não necessariamente corresponde à maioria dos pontos de vista e convicções. A publicação da notícia pode ser o primeiro passo para aqueles que sofrem perseguições relacionadas à homofobia nos campos de futebol se mobilizem em torno de seus direitos de participar de espetáculos esportivos e manifestar a orientação sexual sem sofrer preconceitos. Aos meios de comunicação torna-se vital cumprir a responsabilidade social de permitir que uma variedade de vozes seja ouvida e não considerar apenas os interesses comerciais expressos nos números da audiência.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo Cidadão. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 31, p. 25-40, 2003.

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan/mar. 2012, p. 301-321.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**. Ano XIV, N. 29, 2013. P. 246 – 270.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUENO, Wilson da costa. Chutando Pra Fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: CAMARGO, Vera Regina; CARVALHO, Sérgio; MARQUES, José Carlos. **Comunicação e esporte** – Tendências. Santa Maria: Palotti, 2005.

COELHO, Juliana Affonso Gomes. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. **Visão de Jogo**: antropologia das práticas esportivas. 1 ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**, v. 14, n. 2, p. 223-234, 2008.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a Questão Gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

---

GREEN, James Naylor. **A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KIMMEL, Michael S. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998

MEDEIROS, Magno. Cidadania, direitos humanos e jornalismo: percalços históricos e violência institucionalizada. In: MORAES, Ângela; SIGNATES, Luiz (ORG). **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

PACHECO, Leonardo Turchi. Guerra, masculinidades e estilos de jogo: narrativas da mídia esportiva brasileira sobre a Batalha de Rosário na Copa do Mundo de 1978. **Revista Contemporânea – Dossiê História & Esporte**. Ano 4, n. 4, v.2, 2014.

REINA, Fábio Tadeu. **Pés trocados: a violência simbólica em bailarinos e jogadoras de futebol**. Curitiba: Appris, 2017.

RIOS, Roger Raupp. A Homossexualidade e a Discriminação Brasileira por Orientação Sexual no Direito Brasileiro. **Direito e Democracia**, v. 2, n. 2, Canoas, 2001, p. 383-408.

SILVEIRA FILHO, Francisco Maciel. A Crise da Masculinidade Contemporânea. In: Horácio Costa et al. (Org). **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 24, p. 127-152, 2005.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001.

WITZEL, Denise Gabriel. Corpo viril nos discursos midiáticos: do triunfo à crise. In: VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1983-2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença. **Anais do VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1983-2013**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.